

AEP

Ano II, Número 1, outubro de 1989.



EMBRAPA
Empresa Brasileira
de Pesquisa
Agropecuária

Centro Nacional de Pesquisa de Caju

CAJU

informativo

Características tecnológicas da cultura do cajueiro

Carlos Roberto Machado Pimentel¹

O cajueiro *Anacardium occidentale* L. é uma árvore frutífera, originária do Brasil e encontrada em vários países de clima tropical, pertencente à família *Anacardiaceae*. Dentre estes países, destacam-se Índia, Brasil, Moçambique e Tanzânia, responsáveis, em 1986, por, aproximadamente, 92% da produção mundial. O Brasil é o segundo produtor, representando, aproximadamente, 29,60% daquela produção.

As perspectivas de aumento da participação do Brasil, na produção mundial de castanha de caju, são promissoras, em função dos incentivos à instalação de novos plantios e das dificuldades dos países africanos retornarem aos níveis de produção observados na década passada. A Índia, principal competidor do Brasil, apresenta, como fatores restritivos à expansão da oferta de castanha, a baixa produtividade e a escassez de áreas adequadas ao cultivo do cajueiro.

Na conjuntura atual, o Brasil encontra-se em situação privilegiada como produtor de castanha, tendo em vista a disponibilidade de extensas áreas com potencial para a expansão da cajucultura, principalmente, nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Amazônia, onde as condições ecológicas são favoráveis ao cultivo do cajueiro.

No Brasil, a cultura do cajueiro encontra-se disseminada por vários Estados, achando-se, no entanto, concentrada no nordeste, onde vem ocupando um lugar de destaque nos últimos anos. Dentre os Estados produtores, destacam-se o Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. Em conjunto, esses Estados são responsáveis por, aproximadamente, 81% da produção de castanha do caju.

— O cajueiro, apesar de sua importância no emprego da mão-de-obra rural e na geração de divisas através da exportação da amêndoa, do líquido da casca da

castanha e do suco, apresenta um rendimento médio de, aproximadamente, 250 kg de castanha e 2,5 t/ha de pedúnculo. Comparando-se o rendimento atual com o de anos anteriores, observa-se um decréscimo, apesar dos incentivos e da expansão da área plantada. Observa-se, também, que no período 1974-86 ocorreu uma redução de, aproximadamente, 63% no rendimento médio por hectare (Figura 1).

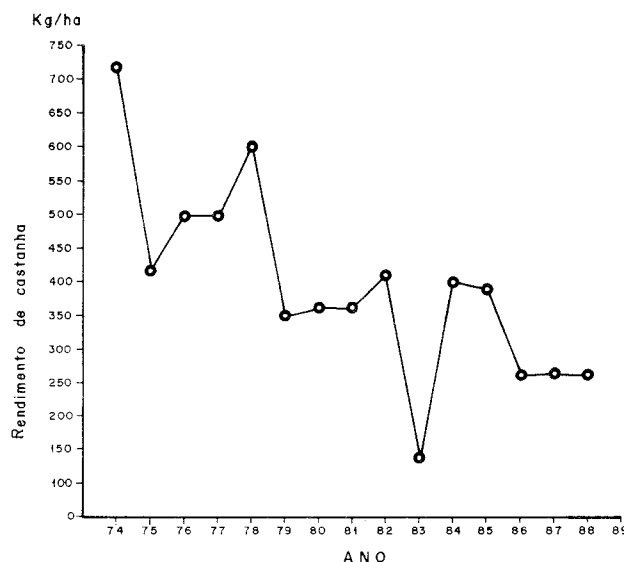


Figura 1. Rendimento médio de castanha por hectare.

Em função dessa situação, o CNPCA procurou, através de pesquisa junto a produtores de castanha de caju, caracterizar o atual nível tecnológico utilizado. Para realização do estudo, foram coletadas informações junto a 130 estabelecimentos produtores de castanha nos Estados do Ceará e Piauí. Analisando-se as informações obtidas, observou-se que não existem diferenças tecnológicas significativas entre os dois Estados. Por essa razão, os resultados a seguir apresentados podem perfeitamente representar o nível tecnológico atual da maioria dos produtores de castanha de caju no Nordeste e, em sentido mais amplo, no Brasil.

Sistema atual de produção

Os pequenos e médios cajucultores, em geral, cultivam o cajueiro consorciado com outras culturas, principalmente milho, feijão e mandioca (Tabela 1). O

¹ EMBRAPA-Centro Nacional de Pesquisa de Caju. Rua Soares Bulcão 1600, Caixa Postal 3761, CEP 60325 Fortaleza, CE.

TABELA 1. Características tecnológicas da cultura do cajueiro.

Fator tecnológico	Percentual de utilização
Insumos	
Adubo	4,00
Inseticida	7,80
Preparo do solo	
Manual	62,50
Mecanizado	9,38
Preparo da área	
Manual	9,38
Animal	10,94
Motorizado	32,81
Capina	
Manual	67,97
Animal	11,72
Tratos culturais	
Roço	50,00
Poda	42,97
Adubação	1,60
Culturas utilizadas no consórcio	
Milho	40,63
Feijão	73,44
Mandioca	27,34

Fonte: Dados da pesquisa.

uso do consórcio, além de reduzir os custos de produção na implantação do cajueiro, a nível de produtor, aumenta a oferta de alimentos básicos a nível de consumidor. Comparando-se os produtores que utilizam o consórcio com aqueles que não adotam essa prática, observa-se que não há diferenças significativas no rendimento por hectare. Nesse sentido, portanto, deve-se incentivar o consórcio do cajueiro, principalmente com as principais culturas alimentares. Em geral, o consórcio é realizado nos quatros primeiros anos da cultura, sendo que, no primeiro e no terceiro, o produtor cultivava milho, feijão e mandioca, no segundo e quarto, apenas mandioca. A partir do quinto ano, em função do crescimento da copa do cajueiro, o consórcio não é recomendado.

Apesar da importância do sistema de consórcio, as sementes utilizadas no plantio são obtidas no próprio estabelecimento ou adquiridas no comércio local. De modo geral, estas sementes apresentam baixo potencial genético, que associado a fatores climáticos e ao período entre colheita e plantio são responsáveis pelo baixo rendimento por hectare.

A poda é utilizada na maioria dos estabelecimentos produtores de castanha de caju (Tabela 1). Entretanto, a mesma não é realizada na maioria das vezes de maneira correta, uma vez que são eliminados os galhos próximos ao solo. Com esta prática, a copa do cajueiro é reduzida, havendo conseqüentemente uma queda na produção. Para evitar esta redução, os produtores devem fazer apenas uma poda de limpeza, ou seja, retiradas dos galhos secos e improdutivos.

A não adoção de uma tecnologia mais adequada, em decorrência da incapacidade de capitalização, faz com que as atividades que se processam, nos pequenos e médios estabelecimentos produtores de castanha de caju, continuem sendo realizadas de forma tradicional.

Uso da mão-de-obra

Em geral, os pequenos e médios produtores de castanha de caju utilizam a mão-de-obra familiar. A família é utilizada, principalmente, na época da safra, onde os filhos e mulheres são responsáveis pela maior parte da colheita da castanha, ao passo que os homens são utilizados nas tarefas consideradas mais pesadas, tais como preparo do solo, capina, roço e poda (Tabela 1).

A mão-de-obra assalariada é utilizada na época da colheita e limpeza dos cajueirais. A apanha da castanha de caju é paga por quilo, em geral, e equivale a 15% do valor de venda. A limpeza dos cajueirais (roço e/ou poda) é paga por planta, sendo que para as mais novas, em função de seu porte, o valor pago é inferior ao das plantas mais velhas.

Uso de fertilizantes e defensivos

O uso de fertilizantes e defensivos na cultura do cajueiro é baixo (Tabela 1). A não adoção dessas práticas poderá ser responsável por grande parte da redução das safras nos últimos anos, em função do empobrecimento do solo. Pesquisas realizadas pelo CNPCA, em estabelecimentos produtores de castanha, mostram que o teor de fósforo e potássio é baixo. Sendo esses nutrientes responsáveis por parte da produção, é de se esperar, portanto, um baixo rendimento por hectare.

Tem-se observado uma expansão de pragas em algumas regiões produtoras. Essa expansão pode estar associada ao desmatamento irracional, acarretando, conseqüentemente, um desequilíbrio biológico, através da eliminação de inimigos naturais desses insetos. Como os produtores não têm o hábito de usar defensivos no combate às pragas do cajueiro, elas tenderão a evoluir, causando sérios prejuízos à cajucultura nordestina.

Em geral, os produtores apontam a falta de capital como causa principal pela não adoção do uso de fertilizantes e defensivos, em função do baixo preço da castanha crua.

Conclusões e sugestões

A falta de capital, por parte dos pequenos e médios produtores, poderá ser reduzida com o crédito ru-

ral. Através do crédito, o produtor poderá adquirir insumos modernos, tais como adubos, inseticidas, máquinas e equipamentos.

Associado ao crédito rural, o produtor necessita, para continuar a produzir dentro dos padrões exigidos pela indústria, que o preço da castanha proporcione uma boa margem de lucro, uma vez que a indústria trabalha com capacidade ociosa. Por outro lado, sendo o cajueiro uma cultura perene, uma redução na produção afetará, principalmente, a indústria.

Para evitar que esta situação venha a ocorrer, deverão ser incentivados a pesquisa e o desenvolvimento de associações de produtores. Através das associações, os produtores poderão obter um melhor preço para a

produção e, em conjunto com a indústria, melhorar a qualidade do produto.

Entretanto, os produtores e industriais não poderão continuar considerando o pedúnculo como subproduto do cajueiro, isso porque, se apenas a castanha for responsável pela receita, a nível de estabelecimento, poderá inviabilizar o parque industrial. Nesse aspecto, a pesquisa tem um importante papel, desenvolvendo tecnologias para o uso do pedúnculo.

Finalmente, o setor industrial da castanha e do óleo da casca da castanha não poderá continuar, por muito tempo, restrito a poucos mercados, em nível internacional. O mesmo necessita, a médio prazo, conquistar novos mercados e, para tanto, deverá iniciar estudos que indiquem suas respectivas potencialidades.

INFORMAÇÕES:

EMBRAPA
Centro Nacional de Pesquisa de Caju
Rua Soares Bulcão 1600
Caixa Postal 3761
CEP 60325
Fortaleza - CE
Telefone: 223.2099

As

Dr. ARO LHO COTTONIA COSTA